

ARQUIVOS BRASILEIROS DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ESTUDOS DE LINGUÍSTICA: A ACENTUAÇÃO SEGUNDO PUBLICAÇÕES RECENTES¹

Manuel Said Ali

Não deve parecer estranho o ocupar-me eu com semelhante assunto, depois que entre nós já existem compêndios gramaticais que se arriam de basear-se em doutrinas hodiernas. É que inquestionavelmente os autores desses livros dão uma acepção especial, ou exagerada, ao qualificativo com que anunciam as suas opiniões. De fato, si² o leitor confrontar um desses compêndios com os mais recentes trabalhos congêneres publicados na Europa, não tardará a perceber que o pretendido modernismo consiste ora na mudança, quase sempre desnecessária, da terminologia, ora na divulgação de doutrinas que eram porventura moderníssimas na Europa há mais de um quartel de século, mas que hoje em grande parte já não se aceitam.

Para o estudo da acentuação nenhum gramático nosso aproveitou alguma cousa do copiosíssimo material de merecimento científico destes últimos cinco ou dez anos, material esse que se encontra na monumental obra de Sievers, a qual serviu de introdução ao estudo da fonologia das línguas indo-europeias; no capítulo sobre acentuação da gramática comparada, de Brugmann; nos trabalhos magistrais de Sweet, de Storm, de Passy, de Victor Henry³ e muitíssimos outros.

É sobre estas obras que assenta o presente estudo na sua parte geral. As observações que apresento relativamente à acentuação na nossa língua referem-

¹ Nota do editor: Texto publicado originalmente em **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, São Paulo: Laemmert & C. Editores, anno 1, tomo 2, p. 165-192, 1895. Procedeu-se à atualização meramente ortográfica do texto, respeitadas as idiosincrasias do autor e eliminados os erros óbvios.

² Nota do editor: grafia preferida do autor, em face do clítico pronominal *se*.

³ Nota do editor: Said Ali refere-se aqui a algumas de suas fontes doutrinárias: Eduard Sievers (1850-1932), um dos neogramáticos pertencentes à Escola de Leipzig, Karl Brugmann (1849-1919), também integrante dos neogramáticos; Henry Sweet (1845-1912), filólogo inglês especialista em línguas germânicas; Johan Storm (1836-1920), filólogo norueguês especialista em língua inglesa e línguas românicas, vinculado à Universidade de Oslo; Paul Passy (1859-1940), foneticista francês da Escola de Altos Estudos de Paris, Victor Henry (1850-1907), linguista francês, professor de sânscrito e de gramática comparada na Universidade de Paris.

-se somente à linguagem natural, àquela que habitualmente empregamos quando transmitimos os nossos pensamentos. Tanto o falar apaixonado, como o afetado, a acentuação retórica, como a poética, são feições particulares do modo de nos exprimirmos, cuja análise não caberia nos limites deste trabalho.

I

Que cousa é a acentuação? Eis uma questão que não pode ser resolvida sem se fixar bem o sentido em que o termo deve ser tomado.

Vulgarmente, chamam-se acentos certos sinais que se colocam sobre as vogais com o fim de assinalar não só a maior intensidade, mas também a qualidade dos sons. Com esta dupla função nenhuma importância têm esses símbolos para a fonética; tanto mais quanto são meras convenções ortográficas que variam de língua para língua. Em português, por exemplo, a letra *e* com o sinal agudo representa um som aberto, com o circunflexo será um som fechado; em francês dá-se exatamente o contrário: o circunflexo torna o *e* aberto, enquanto que o agudo indica o som fechado. Outros idiomas, como o inglês, o alemão, embora possuam igualmente vogais fechadas e abertas, não se utilizam para sua representação de nenhum sinal diacrítico.

O fonetista não se preocupa com as convenções ortográficas que deixam de obedecer a princípios racionais; si o alfabeto comum é insuficiente para indicar certos matizes de sons, inventa símbolos novos, a cada um dos quais atribui um valor particular. Os acentos, isto é, os sinais diacríticos ou notações léxicas colocados sobre as vogais, servem única e exclusivamente para indicar que certo som se destaca pela pronúncia dentre os demais sons vizinhos. Acusticamente esta saliência pode ser produzida quer pela maior intensidade, quer pela elevação da voz, e observa-se nas sílabas, nos vocábulos e nas proposições. D'aí a divisão em acento silábico, vocabular e oracional.

De fato, em toda sílaba isolada, como muito bem observa Brugmann, em todo grupo de sons produzido por um só impulso expiratório independente, há sempre um elemento que, no tocante à acentuação, se destaca do resto; por exemplo, o som *a* na nossa palavra *mal*. A este elemento dão os fonetistas o nome de soante da sílaba, e é nele que está o acento silábico. Um vocábulo polissilábico terá evidentemente tantos acentos dessa natureza quantas forem as sílabas; mas si compararmos estas entre si, notarem os que há sempre uma sílaba que pela sua acentuação se destaca dentre as outras. Dá-se-lhe o nome

de sílaba acentuada; as outras, que não têm o tom alto, ou o acento principal, podem, no entanto, ter diferentes graus de acentuação. Nas nossas palavras *dignamente*, *arbitrado*, além do acento principal em *men* e *tra*, ouve-se um acento secundário na primeira sílaba de cada uma das duas palavras, acento esse que é pronunciado com mais força que o da segunda e última sílaba. Mesmo entre a segunda e a última há ainda certa gradação. Decorre d'aí que a acentuação de uma palavra (acentuação vocabular) é, segundo a definição de Sievers, o característico relativo de todas as suas sílabas.

Mas o vocábulo não se costuma empregar isoladamente; constitui geralmente o membro de uma oração, a qual tanto nas suas relações fonéticas como nas sintáticas constitui uma unidade completa. Ora nesse todo há por sua vez palavras pronunciadas umas com mais força, ou com voz mais elevada, outras mais fracamente, ou com voz mais baixa. No exemplo *o homem é mortal* facilmente se perceberá que os vocábulos *homem* e *mortal* são pronunciados com mais força do que as palavras *o* e *é*; ainda mais, a acentuação do predicado é mais forte que a do sujeito, e, das duas palavras fracas, o artigo soa mais fracamente do que o verbo *é*. Assim pois, a acentuação oracional é o característico relativo de todas as palavras que constituem a oração.

Apontar em um vocábulo a diferença de acentuação em cada uma das suas sílabas, assim como determinar todos os matizes de intensidade, ou de altura, de voz em cada uma das palavras que constituem uma oração, é tarefa assaz difícil e, em muitos casos, talvez impossível, atendendo aos poucos recursos de que dispomos para a análise. É por isso que para os fins práticos limitamos geralmente a distinguir três graus. Assim nas palavras de nossa língua, onde a acentuação é devida à maior ou menor força da corrente expiratória, consideramos apenas o *acento principal*, o *secundário* e *ausência de acento*. Na acentuação oracional distinguimos igualmente esses três graus, e às palavras que estão no terceiro caso chamamos enclíticas e proclíticas, conforme se encostam ao vocábulo antecedente ou ao seguinte.

II

Dissemos que a acentuação é produzida já pela força, isto é, pela intensidade, já pela elevação da voz. São duas cousas bem distintas, mas que nos nossos compêndios colegiais, mesmo nos mais modernos, costumam ser confundidas. Dir-se-ia que os autores desses livros não possuem os mais rudi-

mentares conhecimentos de física. Parecem desconhecer que a altura do som depende unicamente do número de vibrações dentro de um segundo, ao passo que a intensidade é uma questão de amplitude de vibrações.

Um tiro de canhão, por exemplo, produz, em virtude da grande extensão das ondas sonoras, um som muito mais forte, mais intenso do que qualquer nota emitida por um flautim; porém os sons deste instrumento, que podem contar para cima de 4000 vibrações por segundo, são com certeza muito mais *altos* do que o tiro de peça.

Na linguagem a análise acústica descobre um e outro fenômeno, e é por isso que os foneticistas hoje dividem a acentuação em *dinâmica* (expiratória ou enfática) e *musical* (cromática ou tônica). Segundo Brugmann, nenhuma das línguas indo-germânicas teve ou tem exclusivamente a acentuação dinâmica, e nenhuma exclusivamente a acentuação musical. Mas um dos dois processos aparece sempre nas fases do desenvolvimento acessível à nossa observação como dominante e típico para a história dos sons. O acento essencialmente dinâmico aparece, segundo o mesmo filólogo, no armênio antigo, nos antigos dialetos itálicos, no céltico, no germânico e lituânio; o acento essencialmente musical no sânscrito e no grego antigo.

No português, como no francês, nas línguas românicas em geral, no alemão, no inglês, o acento é essencialmente dinâmico, e não musical, como erroneamente se costuma ensinar. O acento musical ocorre apenas em casos muito especiais, como: a interrogação, a exclamação, a linguagem emocional, etc. Pode-se dizer de acordo com Paul Passy que em quase todas as línguas literárias modernas a acentuação dos vocábulos é dinâmica, empregando-se a musical para modificar o sentido geral das frases. A palavra *oui*, por exemplo, pronunciada com sete entonações diferentes, tem os seguintes sentidos : 1.º *C'es mon avis*; 2.º *J' affirme cela*; 3.º *Est-ce vrai ?*; 4.º *Pas possible!*; 5.º *C'est possible, mais J'en doute*; 6.º *C'est bien clair*; 7.º *Sans doute, au premier abord; mais...*

Dialetos há onde se pode observar a acentuação musical; costumamos dizer que os respectivos povos falam cantando. Esse modo de entoar é característico no chinês, no anamita, no siamês, onde cada monossílabo pode significar cousas muito diversas, conforme o acento. Na Europa são notáveis os dialetos escandinavos; em noruego, por exemplo, a palavra *Bønner*, entoada de um modo, significa “camponeses”, dando-se-lhe outra entonação, quer dizer “feijões”. *Westen*, conforme o acento musical, significa “o oeste” e “o colete”.

Os modernos fonetistas costumam distinguir três formas principais de acento musical. Enquanto se pronuncia a soante ou a sílaba, pode a voz permanecer no mesmo nível, ou elevar-se do nível, ou abaixar-se; de sorte que temos o acento *plano*, o *ascendente* e o *descendente*. Existem também combinações dessas formas fundamentais, como sejam o *ascendente-descendente* e o *descendenteascendente*, que constituem o circunflexo musical. Em certos dialetos notam-se numa mesma sílaba dois tons bem distintos, que se podem apreciar pelos intervalos musicais. Assim dando-se ao tom mais baixo que a sílaba pode ter em uma língua o nome de tom fundamental, observa-se no dialeto das Ilhas Faroé⁴ um circunflexo formado pela terça mais tom fundamental; no dialeto de Dalbi⁵ há um composto da terça reduzida mais quinta; na linguagem Fryksdal⁶ contam-se nada menos de três: um constituído pela quinta mais tom fundamental, outro pelo tom fundamental mais terça, e o último finalmente pela quarta aumentada mais quinta.

Em português, como na maior parte dos modernos idiomas cultos da Europa, não é possível estudar esses curiosíssimos fenômenos de dupla tonalidade numa mesma sílaba, nem mesmo se podem estabelecer regras para a modulação simples, salvo o fato da elevação da voz no fim da frase interrogativa, e o da maior elevação ainda na frase admirativa. É que aí o acento musical não está, como naqueles dialetos, inerente à palavra. A nossa acentuação caracteriza-se, como já dissemos, pela força, pela intensidade da corrente expiratória, ficando reservado à acentuação musical o papel de modificar o sentido geral da frase.

III

Lançadas estas bases, ocupamo-nos agora com a acentuação dinâmica na proposição portuguesa, esse campo de pesquisas onde ao investigador se deparam fatos assaz interessantes, mas cujo estudo infelizmente tem sido descurado pelos nossos gramáticos, os quais hoje em dia se julgam desobrigados

⁴ Nota do editor: *Farø* no original, arquipélago da Dinamarca localizado entre a Escócia e a Islândia.

⁵ Nota do editor: *Dalby* no original, cidade no município de Faxe, região da Zelândia, Dinamarca.

⁶ Nota do editor: Fryksdal é uma cidade da província da Varmlândia na Suécia. Muito provavelmente, Saïd Ali recolheu estas informações à tese de Adolf Noreen (1854-1925) sobre a fonética do dialeto Frykstal, intitulada *Fryksdalsmålets ljudlära*. Upsala: Esaias Edquists boktryckeri, 1877.

de espinhosa tarefa, logo que descobrem um nome pomposo para designar qualquer fenômeno que careça de ser explicado.

Onde se acha a palavra com acentuação mais forte, no princípio, no meio ou fim da oração? Esta pergunta parecerá ociosa, pois é princípio muito conhecido que a intensidade da pronúncia é proporcional à importância da ideia, e assim em qualquer língua a palavra mais fortemente acentuada deveria achar-se indiferentemente neste ou naquele lugar da oração. Todavia os idiomas têm as suas preferências: nuns a exatidão do princípio salta logo aos olhos pela extrema mobilidade do acento; noutros porém é necessário observar com mais atenção, porque o acento tende a fixar-se em certo ponto. Exemplifiquemos. A proposição alemã *er hat das Buch* (ele tem o livro)⁷ admite a acentuação principal em cada um dos quatro vocábulos, indicando em cada caso a principal ideia que se quer comunicar. Já em português, como nos outros idiomas românicos, não podemos idênticamente com os exemplos *ele tem o livro, il a le livre*, etc., onde a pronúncia mais forte está na última palavra.

De fato, nós nos inclinamos sempre a acentuar mais fortemente os últimos vocábulos, não só nas orações (*eu quero, João quer*), mas ainda em outros casos (*casa grande, homem velho*). A prova da veracidade desta asserção é que naquelas frases formadas por substantivo e adjetivo, cujo sentido varia conforme a posição relativa das duas palavras, colocamos sempre em último lugar a ideia principal, isto é, o vocábulo mais acentuado. Basta compararmos *homem pobre e pobre homem, pessoa certa e certa pessoa, notícia certa e certa notícia*. Do mesmo modo, distinguimos *eu lhe digo* de *digo-lhe eu*; no primeiro caso a ideia principal é *digo* (acentuação principal), no segundo é *eu* (salientamos igualmente o sujeito pela acentuação). Vê-se portanto que ainda para o português o princípio é verdadeiro; e da comparação entre a nossa língua e o alemão resulta que, sendo neste idioma a colocação das palavras um tanto fixa, é necessário haver muita mobilidade do acento principal; ao passo que em português pode haver certa fixidez do principal acento oracional em virtude da nossa maior liberdade na colocação das palavras. O resultado num e noutro caso é sempre o mesmo: a pronúncia mais forte tem-na sempre a ideia principal.

Nos exemplos há pouco citados o acento principal está na última palavra, e o acento secundário na primeira; porém isto não quer dizer que uma frase não possa ter mais de um vocábulo de igual acentuação forte. O fato há-de⁸

⁷ Nota do editor: no original, consta uma vírgula após o parêntese, que se eliminou por constituir erro óbvio.

⁸ Nota do editor: no original está “hade dar”, que nos parece erro óbvio, já que Said Ali optava

dar-se necessariamente desde que existam duas ou mais ideias igualmente proeminentes, como em *homem pobre e feliz, eu digo e provo*. Dada a ordem direta das palavras, e fazendo-se abstração dos casos de ênfase, observam-se relativamente às combinações mais simples, além das já mencionadas, mais as seguintes: 1.º os auxiliares de tempo e de modo têm o acento secundário, os verbos principais o acento principal (*tens dito, quero ir, hei-de ir*); 2.º o verbo *ser* tem acento secundário e o predicado o acento principal (*é rico, foi pobre*); 3.º o complemento tem o principal, ao passo que o verbo tem o secundário (*tem dinheiro, vai amanhã*).

Essas combinações e outras análogas, constituem grupos fonéticos que se pronunciam geralmente como si os vocábulos estivessem ligados; e uma oração um tanto longa é formada de vários desses grupos separados entre si por ligeira pausa, como se pode ver neste caso: eu espero – que tu venhas – sem falta – à nossa casa. Neste exemplo notam-se quatro acentos principais, que estão na última palavra de cada grupo. As palavras logicamente subordinadas são enunciadas mais fracamente; algumas até ainda são caracterizadas pela sua falta de acentuação, e chamam-se proclíticas e inclíticas⁹.

Nestas condições estão o artigo, as preposições, várias conjunções, o relativo *que*, as formas dos pronomes pessoais *me, te, se*, etc.

IV

Uma vez provado que a palavra mais acentuada se acha em português normalmente no fim da oração ou de cada grupo fonético, resta-nos verificar como se procede quando o vocábulo precedente a aquele que deve ter a acentuação forte, é enfático; isto é, quando representa a ideia principal. A resposta é muito simples. Fazemos em português o que se faz em outros idiomas: desloca-se o acento principal para a palavra enfática. Assim, quando quero estabelecer um contraste, pronuncio com mais força aquilo que de ordinário soa fracamente, como neste exemplo: ele não é rico, FOI rico. Quando na ordem direta o sujeito gramatical representa a novidade que quero transmitir, desloco igualmente o acento principal para o sujeito. A mesma deslocação faz-se também quando a preposição começa por um objeto ou um advérbio enfáticos.

por vincular a preposição *de* ao verbo auxiliar *haver* mediante uso do hífen, conforme se vê adiante no exemplo *hei-de ir*. Optamos por manter a forma preferida do autor.

⁹ Nota do editor: respeita-se aqui a preferência gráfica do autor.

Esse processo de passar o acento principal para o começo da oração¹⁰ não é no entanto coisa muito fácil numa língua cuja tendência é fixar o acento no fim. É por isso que vulgarmente lançamos mão de outro recurso, para fazer ver ao interlocutor que é no princípio que se acha a ideia mais proeminente. As palavras, conforme tenham acentuação principal, secundária ou ausência de acentuação, denominam-se fortes, semifortes e fracas. As do segundo gênero gozam da propriedade de se converterem em fortes, pela vizinhança de vocábulos fracos. É um princípio muito interessante e que facilmente se observa em várias línguas. Em português, se dissermos *fui eu que disse*, o sujeiro *eu* é inquestionavelmente mais forte do que na proposição *eu disse*. Ora a escolher entre as duas formas, empregamos de preferência a primeira, quando o sujeito é enfático. Podemos ainda realçar o primeiro termo pospondo-lhe a locução fraca e invariável *é que*; e assim diremos: *eu é que quero, ele é que disse*, de preferência a *eu quero, ele disse*. Tanto uma quanto outra forma de realce são aceitas pela linguagem literária e se usam para salientar o sujeito, o complemento ou o advérbio, colocados no começo da oração. Os seguintes exemplos o provam exuberantemente:

Oh, dize-lhe, dize-lhe que não fui eu que o assassinei (Herc. Eurico). -*Senhor, Senhor, foste tu que deste a ler á minha alma a ultima pagina do livro eterno* (Herc. ib.) -*Foi então que o celebre Ruderico se apossou da corôa.* (Herc. ib.) - *Já que não me é dado buscar-te, serás tu que virás lançar-te nos braços de teu amigo.* (Herc. ib.) -*Ha-os por certo ahi: eu é que não sei conhecel-os* (Herc. LeIulas e Narr.) -*Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas: nós é que o somos.* (Herc. ib.) -*Ahi é que bate o impossivel* (Herc. ib.) -*É alli que tu me darás o preço de meu corpo* (Herc. ib.) -*Fora elle que des cobrira a perfidia.* (E. de Queiroz, Crime do P. Amaro) -*Era por isso que o conde ia cingido de corda* (Herc. L. N.) -*Mas eu é que não quero na minha familia asnos* (Rebello da Silva, Contos e Lendas).

É certo que o gramático, preocupado com esquarterar tudo, ver-se-á embaraçado para analisar sintaticamente essas frases de realce. Eu, no caso dele, não me incomodaria tanto: aceitava os fatos como tais, e quando estes não se subordinassem aos princípios gerais de qualquer das partes da disciplina,

¹⁰ Nota do editor: no original, há uma vírgula após *oração*, que foi retirada por constituir erro óbvio.

* Verdade é que, si o verbo principal estiver no futuro, pode o verbo *ser* manter-se no presente.

considerava-os como. anomalias gramaticais. A frase *é que*, posposta invariavelmente tanto a um nome ou pronome do singular como do plural, é sem dúvida uma anomalia. Quando o realce é feito pela interposição do sujeito entre o verbo *ser* e a palavra *que*, a anomalia já não é tão grande; pois neste caso o verbo *ser* toma o número e a pessoa do sujeito, e até o tempo do verbo principal*. Este fato de dupla concordância o gramático pode, e deve até assinalar; mas eu me limitaria a isso. Não consideraria duas orações em *fui eu que disse*, pela mesma razão por que não descubro dois pensamentos em *eu é que disse* ou em *eu disse*. A diferença está apenas em ser ou não ser o sujeito enfático. Para mim tanto *fui ... que* como *é que* são duas frases de realce, mas que sintaticamente são supérfluas, não se analisam separadamente como orações e portanto devem ser classificadas como anomalias.

Deixando de lado esta questão de sintaxe, cabe-me citar outro exemplo, por onde se vê também como um vocábulo semiforte aumenta a sua acentuação pela vizinhança de um vocábulo fraco. Todos sabem que na linguagem popular existe um pronome interrogativo com duas formas: *que* e *o que*. Embora a primeira forma seja mais erudita, a segunda, apesar de censurada por aqueles que não veem os fatos sinão¹¹ através do prisma de um purismo estacionário, manifestamente vai suplantando a forma simples *que*. É que nas interrogações queremos sempre salientar bem as ideias. Nos casos em que, em virtude das leis da acentuação portuguesa, o pronome interrogativo necessariamente é salientado pela pronúncia, os puristas não podem deixar de conceder o emprego da forma *o que*. Empregamo-la, por exemplo, no fim da oração, onde (segundo mostramos anteriormente) deve achar-se o acento oracional.

Evidencia-se isto nos seguintes diálogos: *vou escrever - vais escrever o QUÊ?* (e não: *vais escrever quê?*) *Pedro está pintando - Pintando o QUÊ?* (e não: *Pedro está pintando quê?*). Usamo-la igualmente nas proposições elíticas que se reduzem ao interrogativo, com ou sem admiração: *Trago-te um presente - O quê?* - *Um livro. Caiu o ministério - O quê?!* Porquanto essas orações assim reduzidas pronunciam-se com acentuação forte.

A contraprova da minha asserção é que, sendo o pronome interrogativo precedido de preposição (palavra proclítica cuja vizinhança faz igualmente aumentar a acentuação), nos casos aludidos basta empregar a forma *que*. *Vais escrever com quê?* – *Com esta pena. Está pintando para quê?* – *Para ganhar a vida.*

¹¹ Nota do editor: Mantém-se aqui a preferência gráfica do autor.

No princípio de uma proposição os antigos escritores evitavam o emprego da forma *o que*; mas como em matéria de linguagem as leis são feitas pelo uso geral, e não pelos gramáticos (como muito bem diz Sayce¹²), escritores modernos de boa nota vão pouco a pouco dando guarida àquela forma ampliada. Permita-me o leitor citar os seguintes exemplos:

Agora por isso, o que será feito de frei Timóteo?!... O que será feito dele (Herculano, *Lendas e Narrativas*) - *Que faria ela na Vieira, a pobre mãe? O que fariam os outros, os conhecidos, os amigos da casa?* (E. de Queiroz, *Crime do P. Amaro*) - *O que é minha senhora, o que é?* (E. de Queiroz, *ib.*) *O que é perguntou, ela* (E. de Queiroz, *ib.*) - *O que está a dizer ?* (E. de Queiroz, *ib.*) *O que estás tu lendo ?* (Latino Coelho, *Teatro*) - *E o que havias de fazer em tal ocasião?* (Latino Coelho, *ib.*) - *Então o que apurou a este respeito?* (Latino Coelho, *ib.*)

Rabelo da Silva chega a ser de uma prodigalidade pasmosa. Em qualquer volume da *Mocidade de D. João V* encontra-se uma infinidade de exemplos como estes: *O que hei de fazer? O que o aflige? O que decide? O que é a vida? O que fiz eu? Mas o que foi isto? O que buscas? O que lhe respondeste?*

A forma *o que* ainda pode ser realçada pela frase *é que*, como nestes casos: *O que é que me querem?* (Latino Coelho, *Teatro*) - *O que é que me encanta?* (Lat. Coelho, *ib.*) - *O que é que eu estava a dizer?* (Lat. Coelho, *ib.*).

Nestes exemplos o verbo *é* aparece precedido e seguido da palavra *que*, e o ritmo exige que o acento se desvie do primeiro *que* para o vocábulo *é*. Isto faz com que nessas interrogações se saliente, não já o primeiro termo da oração, mas a *existência* daquilo que se pergunta. Neste ponto o fenômeno assemelha-se ao que se nota em interrogações francesas como: *est-ce qu'il est parti? est-ce que tu l'a vu?*

A construção *o que é que* é evidentemente analoga à frase *quem é que*; não obstante, tem sido condenada pelos puristas, que propõem em substituição a construção *que é o que*. A meu ver, é isto uma ratice gramatical, pelo menos quanto ao estado atual da nossa língua, que não é idêntico ao de séculos passados.

¹² Nota do editor: Archibald Henry Sayce (1845-1933), linguista britânico vinculado à Universidade de Oxford que se notabilizou pelo estudo e descrição da língua assíria.